

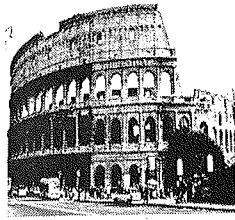


Mark Viagens e Turismo Ltda.
 Rua Anita Garibaldi, 60 / Sala 11 Centro
 88010-500 Florianópolis SC - BRASIL
 Tel.: (48) 223.5597 Fax: 223.5011
 TOLL FREE: 0800.645.5597
 E-mail: grupos@marktur.com.br
 Site: www.marktur.com.br

VOLTA ÀS ORIGENS: ITÁLIA, PORTUGAL e ESPANHA



Trento



Coliseu - Roma



Torre de Belém - Lisboa



Catedral Santiago
 de Compostela

Saída prevista: 14 de Setembro 2004
17 dias - Roteiro nº 4040914

VOANDO COM A:



- 14 Set - FLORIANÓPOLIS / SÃO PAULO / LISBOA / MILÃO
- 15 Set - MILÃO / TRENTO
- 16 Set - TRENTO
- 17 Set - TRENTO / VIGOLO VATTARO / TRENTO
- 18 Set - TRENTO / PÁDUA / VENEZA (Mestre)
- 19 Set - VENEZA
- 20 Set - VENEZA / FLORENÇA / ASSIS
- 21 Set - ASSIS / ROMA
- 22 Set - ROMA - Audiência Papal
- 23 Set - ROMA
- 24 Set - ROMA / LISBOA
- 25 Set - LISBOA
- 26 Set - LISBOA / FÁTIMA
- 27 Set - FÁTIMA / COIMBRA / SANTIAGO DE COMPOSTELA
- 28 Set - SANTIAGO DE COMPOSTELA / BRAGA / PORTO
- 29 Set - PORTO
- 30 Set - PORTO / LISBOA / SÃO PAULO / FLORIANÓPOLIS

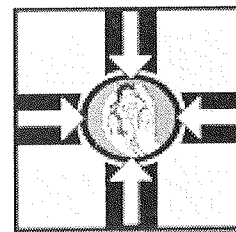
Realização:



O autor expõe uma experiência exitosa, a das "Cozinhas Comunitárias" de Joinville, SC. Ele parte da constatação inicial de que o ato de comer "é um ato natural, necessário e fundamental para o desenvolvimento da vida". No entanto, as estatísticas mostram, impiedosamente, que 1/3 da população brasileira vive abaixo da linha da pobreza, isto é, não se alimenta devidamente, não tem meios de satisfazer esta necessidade fundamental. Daí a oportunidade de uma campanha como o "Mutirão nacional contra a miséria e a fome", lançado pela CNBB, em consonância aliás com a palavra de Jesus a seus discípulos, à sua Igreja: Dai-lhes vós mesmos de comer! O projeto das "Cozinhas Comunitárias" de Joinville, criado em 1994, é uma amostra do que se pode concretamente fazer e se está fazendo. E isto com uma metodologia que nada tem de complicado, como o autor demonstra. Basta pôr mãos à obra.

Superação da Fome - Caminho para a Paz

Pe. Luiz Facchini*



* O autor é Presidente e Fundador da Fundação Pauli-Madi e Pároco da paróquia Nossa Senhora de Belém, em Joinville, SC.

Artigos



Introdução

O ato de comer, de alimentar-se, é um ato natural, necessário e fundamental para o desenvolvimento da vida. O ato de poder se alimentar está junto com o ato da criação. Deus, o Criador, assim nos pensou; alimentam-se os vegetais, tomando da Mãe Terra, os sais necessários. Alimentam-se os animais, das mais variadas formas. Alimentam-se os humanos, desde o ventre da mãe. Ao nascer, instintivamente as crias buscam alimento nas mamas da mãe. O Criador, a natureza, a vida em suas mais variadas formas, gritam a uma só voz: “Alimento, dom de Deus, direito sagrado de todos”. O ato de comer é até divino: “Tendes algo para comer? Deram-lhe um pedaço de peixe assado. Ele (O Ressuscitado) o tomou diante deles” (Lc 24, 41-42 / Jo 21, 6).



No entanto, as estatísticas concluem que 57,7 milhões de pessoas, em nosso país, vivem abaixo da linha de pobreza, e uma grande porcentagem destas pessoas vivem em situação de miséria extrema. Fala-se tanto de terrorismo, hoje, na mídia. Ele é real, mas, via de regra, só se fala dele quando atinge ou ameaça os grandes e poderosos. Pouco, ou quase nada, se fala do terrorismo da fome que, mais do que qualquer guerra, mata um milhão de crianças cada ano. Os miseráveis, em nosso país, somam 33% da população. Eles têm uma renda mensal abaixo de R\$ 79,00. Em Santa Catarina, 9% da população está atingida pela dolorosa chaga do desemprego (Fundação Getúlio Vargas). O próprio FMI pode ser considerado como o maior terrorista, gerador da fome, que assola a humanidade. Durante o ano de 2003 o Brasil foi obrigado a pagar ao FMI mais ou menos, 149 bilhões de reais. Isto é um atentado contra os países pobres.

O contraste entre a pobreza e a riqueza em nossos dias, e bem frente ao nosso nariz, é uma das realidades mais dolorosas e vergonhosas da atualidade. De um lado, um número sempre mais reduzido de pessoas bilionárias (477) no mundo, que globalizaram o modelo neoliberal capitalista, vivendo numa abundância e luxúria consumista jamais vistas.



E, em função de sua ganância ilimitada, agridem tudo e todos. Poluem as águas, destroem as fontes, envenenam a terra, agridem o ecossistema, desequilibram a biosfera, destroem o ozônio e, direta ou indiretamente, se tornam assassinos de um milhão de pequeninos inocentes, a cada ano, mortos de fome, e encurtam a história da vida humana sobre o planeta Terra. Para estes não existem nem processos, nem tribunais. Falham os tribunais humanos, mas não falhará o tribunal divino.

De outro lado, 2/3 da humanidade vive ou vegeta, nas cruces diárias da miséria, da fome, de todos os tipos de exclusões sociais. Vale lembrar aqui o velho poeta Josué de Castro... “e o bicho (remexendo o latão do lixo) era um homem, meu Deus”. Mas, somos uma sociedade dividida em duas categorias de pessoas: uma (feita de uma multidão) que não dorme porque está com o estômago vazio, e outra (minorias privilegiadas e mergulhadas na lama da riqueza defraudada) que também não dorme, porque tem medo dos que não dormem. Vale lembrar a teologia dos santos Pais da Igreja (resgatando o projeto de Deus): manter o excedente é defraudar os pobres. Quem não defende a vida, compactua com a morte.



Em nosso país, onde o número de pessoas que passam fome, oscila na casa dos 57 milhões, o problema se torna ainda mais estarrecedor quando sabemos que o nosso chão é fértil, celeiro do mundo: somos o quarto maior produtor de alimentos do mundo, e o maior exportador de laranjas, cana de açúcar, café, e o segundo maior exportador de soja, carne, frango e suínos. A média mundial de consumo por pessoa, por



ano, é de 280 Kg e a média brasileira é de 560 kg. No entanto, uma em cada 3 pessoas que vivem no Brasil, passa fome, e desperdiçamos ou deixamos apodrecer nos celeiros 27 milhões de toneladas de grãos. Pior, a lei protege a não-partilha. Isto é vergonhoso e mortal.

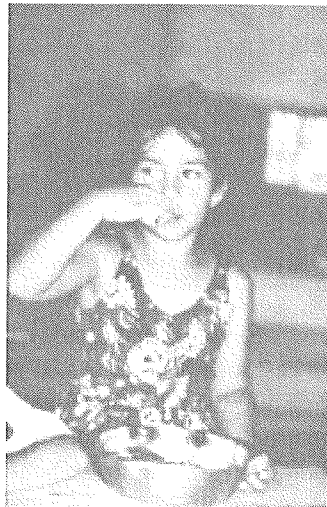
Um Mutirão nacional

Diante deste quadro social, que ergue um novo clamor dos empobrecidos, por dignidade, por políticas públicas de geração de emprego e renda, por um “pão nosso de cada dia”, por cidadania, pela solidariedade, em boa hora, a CNBB lançou o **Mutirão nacional de um evangélico combate contra a miséria e a fome**. Esta profética iniciativa, com certeza, é um chamado divino para todos os cristãos e para todas as igrejas que se dizem cristãs. Dever inadiável de todos e de todas, porque a fome não pode esperar. Dever de todos os cristãos, porque a ordem do Divino Mestre aos seus, é clara e inadiável: “*Dai-lhe vós mesmos de comer*” (Mt 14, 16). Nada de fuga. Nada de tirar o corpo fora. Erradicar a miséria e a fome é obrigação prioritária das igrejas e de todos os cristãos (Mt 25). Não arregaçar as mangas, não entrar neste evangélico mutirão nacional de combate contra a miséria e a fome, é atrair sobre si uma condenação eterna. E isto é claro, porque, se morrer de fome é a maior miséria humana, deixar alguém morrer de fome é a maior miséria espiritual.

Neste quadro estarrecedor, não menos vergonhoso, de mortais exclusões sociais e de desigualdades tão gritantes, a existência da fome e de tantos famintos, deve se transformar numa interpelação e tornar-se motivo dramático e urgente de um questionamento inadiável, especialmente para quem professa a sua fé no Deus da revelação, nas Sagradas Escrituras (Ex 3).

Nosso jeito de ser Igreja

Nosso jeito de ser Igreja carece de uma séria e urgente revisão. Na sábia reflexão do profeta-teólogo José Comblin: “Assim como a consciência da opressão na América Latina,



principalmente vivida sob as ditaduras militares, propiciou um rico momento de florescimento teológico, espiritual e eclesial, condensado basicamente na leitura popular da Bíblia, na Teologia da libertação, e na proposta das comunidades eclesiais de base, a experiência das profundas desigualdades sociais estabelecidas em nossa sociedade, das quais a miséria e a fome são atualmente os indicadores mais dramáticos, pode ser também um momento de fazer uma releitura de nosso cristianismo, de nossas espiritualidades e de nossos jeitos de ser Igreja”. Ressoa, pois, um novo e divino chamado de uma solidariedade atenta, rápida, ampla e eficaz.

Nossas igrejas estão, hoje, mais para o projeto religioso do povo da Bíblia, ou mais para o projeto religioso do neoliberalismo capitalista? Esta é uma questão muito séria. Religioso, todo mundo é. Desde o ventre de nossas mães. Não existem ateus, existem atoas. Hoje não faltam igrejas. Nem nunca estiveram tão cheias. Não basta a pessoa ser religiosa, nem bastam as nossas igrejas se dizerem cristãs. Foi dentro do templo e da parte de pessoas que se diziam super-religiosas, fundamentalistas observantes da lei de Moisés, que se desencadeou o conflito e o cerco mortífero contra o Filho de Deus. Entre o dizer-se cristão e o ser cristão de verdade, está se constituindo um abismo. Fé e vida digna para todos, são inseparáveis, são almas gêmeas. O Pão descido do céu, exige compromisso direto e imediato com os empobrecidos, com a defesa do direito do pão de cada dia.

Que cristianismo é esse, de nossas muitas igrejas, que durante 500 anos, com uma freqüência espantosa, se mostrou insensível e surdo ao clamor dos despossuídos, numa realidade de fome e de miséria, produto dos mais injustos processos de distribuição de renda e por acumulação fraudulenta do fruto do trabalho alheio e dos recursos públicos? “*Tudo o*



que fizestes ao menor de meus irmãos, foi para mim que o fizestes” (Mt 25).

A situação de apatia de nossas igrejas, frente aos 57 milhões de famintos, não é uma afronta aos



olhos e à pessoa de Jesus Cristo? Não está Ele indignado com tanta gente excluída e passando fome, ao lado e em meio a tantas igrejas, cruzeiros, rezas, cultos, missas, e celebrações? O grito de Jesus em João 10, 10, para os verdadeiros cristãos, é mais que atual e é atualizado em suas ações.

A atuação de Jesus entre camponeses, pescadores, artesãos, gente pobre, ameaçados por dívidas e perda da terra, gente empobrecida por tributos e dízimos, visava fortalecer os laços comunitários e aliviar os efeitos da pobreza, da fome, das dívidas e das doenças, derrubar do trono os poderosos, e seus projetos, para dar vitória, aqui na terra, ao projeto do céu. Jesus se identifica com este povo sofrido e espoliado. Luta por ele e com ele. É chamado de revolucionário, subversivo, e é levado aos tribunais dos homens. Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo, não é poesia, é prática audaciosa de vida, para Jesus e para os que são verdadeiramente seus seguidores.

O tema da fome e da partilha, a nova cultura e civilização da solidariedade e sua mais urgente globalização, tem um lugar de destaque no evangelho de Marcos 6, 30-8,21. É o evangelho da solidariedade e marca presença forte nos demais evangelhos (Mt 9, 36; Lc 1, 53; 6, 21; Mt 5, 6; Lc 7, 34; 15, 2; Mt 11, 9; Lc 24, 30-31; Jo 13 e ainda Atos 2, 42-46).

A existência de gente empobrecida, órfãos e viúvas abandonados, no seio do povo de Deus, para os profetas e profetisas do Antigo Testamento era um sinal de infidelidade, de traição e de rompimento com Deus e sua aliança (Amós 4, 1; 5, 11-12; Isaías 3, 14-15; Jeremias 5, 28; 22, 16). Com certeza, o critério de autenticidade da Igreja que se diz cristã, passa sobretudo e prioritariamente pela sua maneira de tratar os pobres. Os profetas de nossos dias também não mudaram estes critérios. Basta beber um pouco nas fontes de Medellín e Puebla (documentos da Conferência dos bispos latino-americanos e da CNBB). Apatias e omissões frente a um número tão elevado de excluídos e famintos, são imperdoáveis, não se justificam de nenhuma forma. Os documentos oficiais da Igreja nos chamam para uma volta corajosa ao Evangelho e, conseqüentemente, a uma radical e corajosa opção de serviço libertador aos pobres e com os pobres.



Que fazer?

Existem saídas? Existem soluções? Sim. São necessárias ações imediatas com objetivos imediatos no evangélico combate contra a fome. Esta tem endereço, tem nome. Com estes objetivos imediatos, não podemos perder de vista o objetivo mais amplo, a ser globalizado com urgência, a civilização e cultura da solidariedade. Um cadastro sócio-econômico irá nos mostrar o mapa dos focos de fome e as famílias atingidas por este flagelo. As igrejas que se queiram fiéis ao Ressuscitado e ao seu projeto, com a coragem do Espírito do mesmo Ressuscitado, derramado com profusão sobre toda a humanidade, enfrenta, não só os desafios da miséria, das injustiças sociais e da fome, mas faz um sábio discernimento entre o projeto religioso do capitalismo e o projeto do Deus da revelação, presença que liberta, recolocando nossos cristãos e nossas igrejas no caminho da fidelidade ao evangelho de Jesus Cristo.

É urgente despertar a solidariedade, muitas vezes, adormecida, e inoperante, mas que está fazendo moradia no coração de muita gente, de pessoas físicas e jurídicas. Por falta de iniciativas e por falta de portas abertas, muitas vezes, ela permanece adormecida e inativa.

Foi assim, que, em outubro de 1994, em Joinville, SC, com a meta e a firme esperança de proibir que a criança passe fome, foi criado o Projeto das Cozinhas Comunitárias.





Passos dados:

1. Mapeamento dos focos significativos de fome em toda a periferia da cidade;
2. Reunião de lideranças locais onde o foco de fome está presente;
3. Esta reunião é feita ou no galpão da Igreja (se existir), ou na associação de moradores, ou em uma casa, se faltarem os dois espaços físicos primeiros;
4. Nesta reunião se aborda o problema da fome e se apontam os caminhos da superação. Eles existem. É o voluntariado, de uma parte, a solidariedade de pessoas físicas locais e, de outro lado, a parceria de empresas solidárias e do poder público do Município (menos do que custa um vereador).
5. Passo seguinte: constitui-se um comitê de solidariedade, por pessoas que queiram e possam participar. Estas passam a fazer o cadastro sócio-econômico para definir o número de crianças, de zero aos catorze anos, que passarão a ser atendidas na Cozinha Comunitária.
6. Se há um galpão de Igreja no local, negocia-se o uso do mesmo e se aplicam as reformas necessárias (dentro dos padrões de higiene e saúde). Não havendo este, nem uma sede de associação de moradores, parte-se para aquisição ou comodato de um terreno apropriado para a construção da Cozinha Comunitária.
7. Equipamento da Cozinha Comunitária, eleição da coordenação geral e das cinco equipes de cinco mães voluntárias, para cada dia da semana (de segunda a sexta feira).
8. Celebração ecumênica inaugural.



Este projeto das Cozinhas Comunitárias, desperta a solidariedade e a expande como nova cultura, nova civilização a ser globalizada o mais breve possível. Todos sabemos sobejamente, e as ciências nos advertem, sobre as nefastas conseqüências da cultura neoliberal capitalista, hoje globalizada. Esta cultura, está pondo seriamente em risco a vida humana sobre o planeta, porque, em função da ganância acumuladora de um capital sempre maior, nas mãos de um número sempre menor de pessoas, agride mortalmente tudo e todos, como já dissemos acima.

O projeto das Cozinhas Comunitárias proíbe as crianças de passarem fome e, sem perder a qualidade da refeição, tem um custo baixíssimo per cápita. Ao ser saciada a fome alimentar, na Cozinha Comunitária, vão se agregando novos valores como o afeto, o carinho, a ternura, o reforço escolar, e outros. Assim outras fomes também vão sendo saciadas.

Em Joinville, sob a coordenação da Fundação Pauli-Madi Pró-Solidariedade e Vida, os 28 focos de fome mapeados, já foram debelados, com uma Cozinha Comunitária em cada um deles. O projeto das Cozinhas Comunitárias foi apresentado ao Presidente da república e ao ministro do "Fome Zero" no dia 6/11/02, em Brasília. E no dia 16/3/03 o próprio presidente Lula, acompanhado por alguns ministros e governadores, visitou a primeira Cozinha Comunitária de Joinville. Diversos governadores estaduais e vários municípios de nosso país já pediram nosso projeto, entre eles, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.





Para a solidariedade, nada é impossível. Ela abre os caminhos da paz, na superação da miséria e da fome, inaugurando a chegada de uma terra sem males, sem senhores e sem escravos, um mundo de irmãos.

Endereço do autor:

Email: paulimad@terra.com.br



Reinaldo Pereira e Silva: "Introdução ao Biodireito. Investigações político-jurídicas sobre o estatuto da concepção humana", Editora LTr, São Paulo, 2002, 23 x 16cm, 391 p.

Márcio Bolda da Silva

O contato com a obra do professor e jurista catarinense Reinaldo Pereira e Silva, *Introdução ao Biodireito. Investigações político-jurídicas sobre o estatuto da concepção humana*, publicada pela LTr, não deixa dúvida a respeito de duas impressões relevantes. A primeira, avulta de modo tangível que o estudo desenvolvido não se restringe a uma investigação meramente introdutória. Muito mais do que isso, é uma pesquisa séria, profunda, criteriosa e, fundamentalmente, abalizada em ampla e farta bibliografia.

A segunda impressão se dá conta de que, desde as "advertências iniciais" até a "conclusão final", está em foco um único e vigoroso objetivo, o estatuto biológico, ético e jurídico da concepção humana, juntamente com a defesa irrestrita de que o conceito, desde a fecundação, já é indivíduo humano, pessoa. Segue daí o pressuposto de que ética e direito se entrelaçam em vista da ordenação da dignidade humana, "reconhecendo que a vida é uma prerrogativa fundamental do homem, e cuja tutela jurídica, sob pena de acintosa arbitrariedade, não pode admitir nenhuma diretriz discriminatória" (p.20).

A rigor, esse é substancialmente o *leitmotiv* do texto. Apresenta-se como o *phylum* central, através do qual os capítulos se mantêm intercalados e a posição do autor, demonstrada com firmeza e veemência.

Não obstante os méritos que uma abordagem dessa envergadura possa ostentar, se abriremos espaço para uma análise mais crítica sobre

* O Recensor é Doutor em Teologia Moral e em Filosofia, e Professor na Pós-Graduação em Teologia da PUC-RS.